

# Configuração do mito na construção do discurso jornalístico

Solange de Almeida Borges  
João Vicente Cegato Bertomeu

## **Introdução**

O presente artigo contribui com algumas reflexões teóricas e traz uma leitura diante da diversidade da produção jornalística levando à conseqüente geração de mitos sob o impacto das novas tecnologias, das diversas entregas e dos fechamentos, da técnica a qual o trabalho do jornalista está submetido atualmente.

A hipótese que se quer verificar é se as supostas objetividade e imparcialidade atravessam a arquitetura da construção da notícia, transformando-se em subjetividade e, conseqüentemente, criam-se mitos. Para tanto, parte-se de uma estratégia indutiva, analisando-se o caso particular do “massacre do Realengo” a fim de compreender se esse mesmo fenômeno se generaliza no campo da comunicação.

Desde a II Guerra Mundial, e sob a influência do jornalismo norte-americano, houve no Brasil tendência de adoção do *lead* (que responde a o quê, quem, quando, onde, como e por quê?) e sua pirâmide invertida (informações por ordem decrescente de importância). Especialmente na década de 1990 surgem os manuais de redação com normas internas de língua, estilo e procedimento dos jornais<sup>1</sup>. Um dos resultados é a padronização agora com textos mais enxutos e concisos, representando objetividade e imparcialidade (diante da determinação de se ouvir os “dois lados” na averiguação de um fato) e aqui parece ocorrer um conflito entre método objetivo e o seu próprio resultado, confundindo-se forma de produção e conteúdo.

Outra peculiaridade da mídia é que, em função de sua visibilidade, lhe seria concedida “autoridade” a fim de determinar o que pode ser noticiado após o filtro da seleção ideológica, construindo-se um discurso legitimador. Também, por sua

suposta neutralidade, mediará os debates em torno dos conflitos sociais ao atuar como fórum de opinião pública e instância de denúncia, mas os critérios estabelecidos de noticiabilidade parecem não coincidir com os interesses sociais.

Para a compreensão de uma notícia, a articulação das partes com o todo é fundamental à sua interpretação e contextualização. Mas, de modo geral, a estratégia técnica e ideológica adotada é a fragmentação, ocultação, inversão (da relevância dos aspectos, da forma pelo conteúdo, da versão pelo fato, da opinião pela informação) e indução, de acordo com parâmetros apontados por Perseu Abramo (2003). Portanto, pode-se refletir que o fato jornalístico e não-jornalístico eleito pela imprensa a torna subjetiva pelo seu método subjetivo de seleção.

Outro fator a ser apontado é a substituição da reflexão pela agilidade tecnológica como instrumento de dominação e promotor da amnésia, segundo aponta José Arbex Jr. (2003: 9), promovendo sedução e dissociação, alienação em função da profusão de informações. Essa sedução também se daria pelo percurso discursivo quando faz uso do chamado “personagem” a compor a narrativa, convocado a validar determinado ponto de vista como testemunha, de fontes eleitas ou de “especialistas” que promovem um debate que se apresenta como legítimo, pois teriam “notoriedade” para opinar sobre algo:<sup>2</sup>

(...) quando o sujeito falante entra em um processo de discurso, que deve conduzir a que reconheça que tem direito à palavra e legitimidade para dizer o que diz. Essa legitimidade pode derivar tanto de uma situação de fato (...), quanto do lugar que lhe é dado por uma instituição qualquer (...). Mas é possível também que ele tenha necessidade de construir uma posição de legitimidade aos olhos do seu interlocutor (Charaudeau e Maingueneau, 2012: 295).

Pelos motivos expostos, a realidade parece estar sendo recriada. Esse discurso jornalístico pode gerar lacunas, aproximando-se de uma construção ficcional, da fabulação tangenciada por Umberto Eco:

(...) qualquer narrativa de ficção é necessária e fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo. Alude a ele e pede ao leitor que preencha toda uma série de lacunas (1994: 9).

As lacunas resultariam da estrutura e rotina das redações e suas condições e técnicas de produção ao dar tratamento ao factual. Não há espaço para contextualização. Na TV, por exemplo, a cobertura dura poucos minutos e merecerá se estender se o fato for relevante e resultar em repercussão ou contar com bons recursos visuais que a sustente. Tanto a repercussão quanto a relevância obedecerão aos interesses

editoriais e ideológicos, entendendo que “ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e que esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política” (Chauí, 2004: 7). Assim, recorta-se a realidade e se reduz o ato comunicacional ao se oferecer uma visão particular e simplificada do mundo.

Nesse sentido é possível compreender que a linguagem jornalística é um dos discursos possíveis construídos e institucionalizados pela mídia hegemônica e deve-se atentar à relação desigual existente entre emissor e receptor.

Há um deslocamento da opinião e não se deve confundir-la com interpretação. Erbolato entende que o jornalismo interpretativo oferece contextualização, os antecedentes e as possíveis implicações de uma notícia com o objetivo de proporcionar “advertência de que não existem fatos isolados, mas sim que cada um deles é parte de uma concatenação de ocorrências” enquanto o opinativo “comenta um fato ou decisão, expondo o pensamento da própria empresa jornalística” (2001: 245) em seus espaços editoriais. Se por um lado a mídia pode exercitar a opinião, por outro “toda opinião é somente a opinião de alguma pessoa” (Beltrão, 1980: 17).

Melo (2003) alerta que “o jornalista se move, circulando entre o dever de informar (registrando honestamente o que observa) e o poder de opinar, que constitui uma concessão que lhe é facultada ou não pela instituição em que atua” (2003: 25). Ele reforça o que é informativo (saber o que se passa), interpretativo (o leitor acata ou não a informação à qual é apresentada) e opinativo (saber o que se pensa sobre o que se passa). Portanto, se no opinativo há um determinado ponto de vista para provar, no interpretativo existe um contexto a ser apresentado.

Como último elemento conceitual inserido na discussão enfatizamos a importância do contrato de informação midiático de Charaudeau e seus quatro pilares (quem informa quem?; informar para quê? – a finalidade do contrato; informar sobre o quê?; informar em que circunstâncias?) que definem a troca comunicacional e suas condições de produção do discurso, as técnicas e os suportes utilizados (2012: 65-125). Mais uma vez se reforça a assimetria existente entre as condições dadas ao emissor e receptor; não há equilíbrio nesse contrato, quando o segundo enfrentaria dificuldade em separar a versão do fato, as circunstâncias que os cercam e nem sempre visíveis.

Portanto, após essa breve reflexão, ao entender-se que o discurso jornalístico resulta de um processo de filtro e seleção, utilizaremos especialmente os padrões de Abramo (2003), os conceitos apontados por Melo (2003) e Beltrão (1980), além do sentido discursivo de Charaudeau (2002) na análise do episódio nomeado pela imprensa como o “massacre do Realengo”.

Então, entre as observações a serem apontadas preliminarmente, o entretenimento que muitas vezes é apresentado como jornalismo e o questionamento se a opinião é ferramenta que permite maior grau de fabulação com brechas à construção mitológica e também se a subjetividade integraria a arquitetura da notícia.

## O mito

De acordo com Campbell (1900), o mito é narrativa de caráter simbólico relacionada a uma dada cultura e associada a um rito. Ele procura explicar a realidade, os principais acontecimentos da vida, os fenômenos naturais, as origens do mundo e do homem por meio de deuses, semi-deuses e heróis. O rito é o modo de pôr em ação o mito na vida do homem, em cerimônias, danças, orações e sacrifícios.

O mito permeia a narrativa de todos os povos e está na origem primordial de todas as coisas, é a-histórico, proporciona significação simbólica e valor à existência, encontra-se no plano do sobrenatural e é fenômeno cultural.

O herói pode praticar dois tipos de proeza: a) física – através de um ato de coragem e de bravura; e b) espiritual – no qual o herói aprende a lidar com o nível superior da vida humana e retorna com uma mensagem que beneficia seus semelhantes (Campbell e Moyers, 1990: 131). Nesse sentido, este feito também pode ser entendido como atributo do jornalista porque ele deve se arriscar, estar no lugar do acontecimento, aventurar-se, correr riscos e oferecer algo a mais a ser compartilhado com a sociedade.

Campbell revela que “o percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação–iniciação– retorno – que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito” (2008: 36).<sup>3</sup> O mito ordena o caos e evolui à medida que a cultura se desenvolve, com eficácia na vida social, pois tem caráter norteador.

A sociedade tem familiaridade histórica com a narrativa mítica, pois se trata de um discurso de fácil apreensão e mecanismo para a mídia na conquista de audiência e público. Deturpado e associado a um entendimento de “mentira”, o mito se aproximará da ficção.

A mídia cria e potencializa mitos através da linguagem ao privilegiar a imagem, o sensorial e o emotivo. Nesse sentido, espectadores poderiam se projetar nas personagens, vivenciando psiquicamente suas emoções, colocando em ação os mecanismos de projeção e identificação (Morin, 1983, apud Pimenta, 2006: 40). Morin aponta ainda o sentido messiânico do mito, alertando que uma ideia pode ganhar dimensão poderosa:

(...) alimentamos com nossas crenças ou nossa fé os mitos ou as ideias oriundos de nossas mentes, e esses mitos ou ideias ganham consistência e poder. Não somos apenas possuidores de ideias, mas somos também possuídos por elas, capazes de morrer ou matar por uma ideia (2010: 53).

Portanto, este estudo observa e ressalta alguns pontos:

– o excesso e a velocidade de produção e disseminação da informação podem ser empecilhos à reflexão e contextualização por parte do receptor;

– os critérios estabelecidos pela mídia dão destaque à transgressão das normas, criando sentidos de julgamento moral, impondo opinião e não informação;

– o processo de produção – seleção da informação, recorte, montagem, personagens e especialistas – é elemento que pode facilitar a construção do mito na comunicação; e

– o jornalismo, nas construções mitificadas, deixa de ser um espaço reflexivo e de representação da esfera pública.

Diante das observações feitas, podemos notar a configuração do mito no plano da comunicação jornalística ressaltando que há ainda poucos trabalhos conhecidos nesse sentido.<sup>4</sup>

### **O “massacre do Realengo”**

A pesquisa bibliográfica ao lado da análise de um estudo de caso deram suporte na avaliação do fazer mitológico na mídia hegemônica sobre o “massacre no Realengo”, no Rio de Janeiro, ocorrido às 8h30 de 7 de abril de 2011, na Escola Municipal Tasso da Silveira. Esta é considerada a maior tragédia registrada em uma escola brasileira. O saldo foi de 12 estudantes mortos, entre 12 e 14 anos. Outros 22 jovens ficaram feridos. Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, ex-aluno, sob o pretexto de participação em palestra, entrou na escola com dois revólveres e disparou mais de cem tiros. Um aluno baleado, de 12 anos, conseguiu fugir e buscou ajuda de policiais militares (Batalhão de Polícia de Trânsito Rodoviário e Urbano/BPRV) que realizavam blitz nas proximidades e se dirigiram à escola.

Oliveira foi atingido por Márcio Alexandre Alves, 3º Sargento da PM. Em seu depoimento, o atirador chegou a apontar-lhe a arma, mas não disparou. O policial então baleou Oliveira duas vezes no abdômen. Na versão oficial, o atirador se suicidou depois de ser atingido, elevando a 13 o número de vítimas fatais.

Horas após o crime, o então governador e prefeito do Rio de Janeiro, respectivamente Sérgio Cabral Filho e Eduardo Paes, em coletiva à imprensa, lamentaram o ocorrido. Cabral classificou Oliveira de “psicopata” e “animal” e chamou de “heróis” o sargento, as professoras e as crianças que conseguiram avisar os policiais, sem contextualizar as deficiências do sistema de segurança pelo qual é o responsável. Mesmo diante de tanta comoção em frente às câmeras de TV, o governador e o prefeito estiverem ausentes na missa de 7º dia das vítimas. Alves foi reportado à sociedade como herói.

Este caso foi escolhido pela repercussão obtida, nacional e internacionalmente, nos meios de comunicação e, dado o cenário construído, uma situação de conflito, um personagem que é herói e outro, anti-herói, e por cumprir ritos de passagem: situação de conflito–chamado e enfrentamento–superação–retorno à comunidade: caos, heróis (policiais) e vilão (assassino) com a polícia promovendo o restabelecimento da ordem.

Avaliou-se a cobertura em um dado período de 2011 de alguns órgãos da mídia hegemônica: na TV Globo, *Mais Você* (7 e 8/4/11, totalizando 37 minutos e 36 segundos de duração),<sup>5</sup> *Jornal Nacional* (em 7/11, com 47 minutos e 9 segundos) e *Fantástico* (em 10/4/11, com 32 minutos e 6 segundos), além do portal G1 (10 links entre 7 e 14/4/11), jornal Meia Hora (3 matérias de 8 a 14/4/11) e revista *Época* (18/4/11, n. 675, p. 46-65), pertencentes ao mesmo grupo, e *Istoé* (13/4/11, n. 2161, p. 20, editorial, e p. 68-88) da Editora Três. Analisou-se uma hora, 46 minutos e 51 segundos de vídeo e 53 páginas e links, aproximadamente.

Um dos caminhos percorridos foi a observação dos padrões apontados por Abramo e o exame do discurso construído com a utilização do adjetivo como juízo de valor. No *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo* encontramos que “o texto noticioso deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato, evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade” (p. 32), mas essa regra acaba sendo subvertida.

O objetivo foi refletir o tratamento dado pela mídia em torno do fato, mas é fundamental reforçar que se trata de um episódio violento que deixou vítimas fatais e sobreviventes com sequelas e traumas.

### **Análise da cobertura jornalística**

Assim, na avaliação do *Jornal Nacional*, percebe-se a quase totalidade do programa dedicado à repercussão do fato no Brasil e no mundo. A apresentadora Fátima Bernardes conduz o noticiário ao vivo, no Rio, de costas para a escola. Ao longo do programa há o uso de expressões como “tragédia brutal” e “imagens de horror”. Ela enfatiza que “o socorro veio de pessoas comuns”, apontando para a solidariedade onde o Estado falha. Como entrevistados: Martha Rocha (chefe da Polícia Civil do RJ), o secretário de Saúde Sergio Cortez, que reclama da violência totalmente desmedida, o policial Alves, o comentarista de segurança da TV Globo Rodrigo Pimentel (para quem a única solução é retirar as armas das ruas), além de diversos alunos. O *Jornal Nacional* reforça que apresenta “com exclusividade” o vídeo que Oliveira teria gravado dois dias antes do episódio e uma entrevista com um dos irmãos dele que não quis se identificar.

Apesar da tentativa da linguagem asséptica, o tom emocional e as cenas editadas comprovam o sensacionalismo: há imagens de carteiras jogadas, cápsulas de bala e sangue no chão, cenas de pânico nos hospitais, mães gritando, gente agradecendo policiais e a exibição frequente das cenas gravadas por um amador mostrando os momentos de pânico de crianças e adolescentes, além do depoimento da presidenta Dilma Rousseff repudiando o ocorrido. As chamadas para os blocos seguintes do noticiário são exemplo: “o policial que impediu uma tragédia ainda maior” e “as reações no Brasil e no mundo e quem era o assassino”.

O perfil psicológico traçado por Ilana Casoy, pós-graduada em criminologia, é digna de transcrição:

(,,,) infelizmente [Oliveira] não é diferente de tantos assassinos em massa que percorreram já o mundo. Eles têm um histórico parecido, uma ação parecida, em geral se suicidam, no final. Têm baixa autoestima, voltam para agredir o que supostamente entenderam que é um grupo que os ameaçou, que os rejeitou. Fazem como que uma revanche, uma vingança nesse local, planejam um ato espetaculoso, com muito armamento, causam estas tragédias e infelizmente ganham notoriedade através disto.

Em depoimento de parentes, vizinhos, ex-colegas, surge o retrato de que ele era “ausente”, “trancadinho”, “adotado”, “reservado”, “que sofria de bullying”, “meliante, esquisito, frio, sem amigos”, há referências à mãe biológica com problemas mentais, e que Oliveira havia abandonado seu tratamento psicológico.

O *Jornal* se dedica, nos dias seguintes, a dar mais destaque à quebra do sigilo eletrônico do atirador, à prisão dos homens que confessaram ter vendido a arma a ele e a traçar seu perfil psicológico.

O *Fantástico* anuncia que obteve “com exclusividade” a carta deixada por Oliveira. O programa apresenta depoimento de pessoas que trabalharam com ele, de vizinhos e de conhecidos que reforçaram seu jeito “esquisito”, que usava “calça de cós alto” com a “blusa por dentro”, que as meninas o tocavam porque ele era envergonhado, tímido e se isolava. Um dos depoentes confirma que Oliveira, na escola, foi jogado na lata de lixo e, ainda, colocado de cabeça para baixo em um vaso sanitário e que foi dada a descarga. Tenta-se uma conexão do período no qual ele estudou na escola (2001), ano do ataque às Torres Gêmeas, nos Estados Unidos, pois a partir daí ele teria passado a falar sobre “terrorismo”. Observa-se que navegava horas na internet e gostava de jogos violentos. No encerramento, o texto do programa diz que o isolamento o levou a criar um “mundo de delírios” em que parece acreditar e que ele queria ser visto como um “herói”, um “mártir”, mas foi “digno de pena ao entrar para a história como um assassino de um dos crimes mais bárbaros que o Brasil já testemunhou”.

Ana Maria Braga, no *Mais Você*, apresenta-se com parte da vestimenta branca, crucifixo no pescoço, música de fundo e textos emotivos. Os geradores de caracteres (GCs) são sensacionalistas, como “imagens exclusivas da escola no momento do massacre”. A apresentadora questiona diversos entrevistados se eles haviam conseguido dormir, se tiveram insônia, com o que sonharam, mas não fez esta mesma pergunta às autoridades. No programa levado ao ar no dia seguinte à tragédia, a apresentadora conversa com adolescente sobrevivente e com o comentarista de segurança da TV Globo, Rodrigo Pimentel, a quem pergunta se poderia ter sido feito algo que

pudesse ter evitado o episódio. A resposta dele foi não, curta e descontextualizada. Outro entrevistado foi o psiquiatra Eduardo Ferreira dos Santos. Nenhum deles fez menção à responsabilidade do Estado.

Na reportagem da revista *Época* não foram ouvidos especialistas, mas há indução a determinadas conclusões, que se baseiam na opinião dos jornalistas que assinam a matéria “Comprei uma arma ilegal” (Nelito Fernandes) e “A mente doentia do assassino” (Hudson Corrêa e Humberto Maia Jr.), além de supostos depoimentos de vizinhos e conhecidos de Oliveira. Não foram ouvidos líderes religiosos ou autoridades ligadas à segurança e ao governo.

No jornal *Meia Hora* é possível encontrar: “louco”, “simpático a atos terroristas”, “tinha enorme sede de matar”, “matador”, “monstro de Realengo”, “Wellington foi jogado na lata de lixo pelos colegas”, “alguém que só andava de calça e camisa para dentro”, “solitário”, “sem amigos nem namoradas”, “uma pessoa com doença mental”, “psicopata”. Em contraponto, Alves foi “recepicionado como herói, aplaudido por mais de um minuto pelo público que queria abraçá-lo e tocá-lo”, na missa de 7º dia das vítimas. O caminho editorial escolhido foi privilegiar o recorte emocional, com tonalidades espirituais: o pai de uma das alunas afirmou que entendeu um “sonho estranho” como “premonição”; a gata de estimação da filha também esteve “estranha” no dia da tragédia. Há também referências sobre dados da polícia ao investigar o perfil de Oliveira na rede de relacionamentos Orkut, onde teria feito menção à futura chacina uma semana antes do fato.

Depois, a escola passou por reforma e pintura e pelo menos 34 crianças se transferiram. “A Secretaria Municipal de Educação prometeu um inspetor para cada andar de todas as instituições de ensino e mais porteiros”, segundo apontou o jornal *Destak*, de São Paulo, em 23/9/11. O jornal *Metro*, igualmente de São Paulo, em 8/4/2012, relata que, na missa de um ano, os “pais que participaram da cerimônia reclamaram da falta de segurança em escolas públicas, onde muitos ainda entram sem identificação. Na Tasso da Silveira, há porteiro 24 horas e visitantes só entram identificados com crachás”.

Matéria publicada pelo jornal *O Globo*, em 7/4/13, traz a informação que foi criada a Associação de Familiares e Amigos dos Anjos de Realengo. Entre as reivindicações, a construção de memorial para as vítimas. De prático, se assinala que “a sala de aula onde ocorreram as mortes teve as paredes demolidas, e guardas municipais vigiam a entrada e saída de alunos”. Outra delas é a permanência de psicólogos nos colégios e uma linha gratuita para denúncias de *bullying*. Em matéria de página inteira, a ausência de posicionamento da prefeitura e da secretaria da Educação.

É possível avaliar como messiânicas as instruções de Oliveira para o sepultamento: seu corpo não deveria ser tocado pelos “impuros” que perderam a virgindade antes do casamento. Ele mesmo se revela virgem. A expressão “irmão”, utilizada nos depoimentos nos vídeos e nas cartas deixadas, sinaliza que ele integrava ou queria

integrar um grupo e sua ação representava um ato divino, sobrenatural, como se cumprisse uma “missão” ao personificar aqueles que sofrem preconceitos:

Em bilhete reproduzido por *Época* (2011: 54) Oliveira afirma: “Eu fui um fraco, fui um medroso, mas me tornei um combatente, uma pessoa forte, corajosa. Que tem como defesa dos irmãos fracos que ainda se encontram incapazes de se defender”. Esse trecho é possível ser avaliado segundo Campbell, pois obedece ao padrão do monomito e seus rituais de passagem: separação (da sociedade e da família), iniciação (ao se tornar um combatente) e retorno (à escola). O mito ordena o caos de Oliveira quando ele pensa praticar os dois tipos de proezas indicados: física (um ato que considerava corajoso e em defesa dos mais fracos) e espiritual (ao deixar instruções de como lidar com o seu corpo, após a sua morte).

### **Resultados preliminares**

Entre os resultados observados, a forma como o “massacre” foi apresentado pela mídia levou à espetacularização da violência e não promoveu a devida contextualização do fato, traduzindo a complexidade do acontecimento.

Outros pontos avaliados dizem respeito às aspas utilizadas no material pesquisado para legitimar ou deslegitimar o discurso. O que se desvia das fronteiras da normalidade e do mundo civilizado – que determinam as regras do agir da sociedade e o que é ou não violento – tem maior probabilidade de se tornar item jornalístico (Shoemaker e Vos, 2009: 41).

No caso do Realengo, é importante notar o desencontro de informações por parte da mídia, que chegou a apontar 20 vítimas fatais, se Oliveira atirou ou não antes de ser alvejado por Alves, e a revolta da multidão que queria invadir a escola para linchá-lo, mas impedida por um (sic) guarda, de acordo com o *Jornal Nacional*. Há desencontro em relação às opções religiosas de Oliveira e sua proximidade com o islamismo, o judaísmo e a Igreja Testemunhas de Jeová, fatos negados pelos respectivos líderes religiosos, mas que pontuam a presença do espiritual apontada por Campbell.

Foi possível observar também a falta de articulação da comunidade – não habituada a solicitar segurança eficiente e escolas funcionais – e o deslocamento do âmbito de responsabilidades.

O menor alvejado, que buscou ajuda policial, não obteve a mesma exposição como herói e nenhum depoimento seu foi encontrado nas mídias analisadas. A mídia falou pelo PM na construção da sua imagem, funcional para o resgate do orgulho da polícia carioca, além de reafirmar o discurso de autoridade, a correção da desordem, seguida de postura neutra por parte do poder público que não tomou o problema para si. A mídia não cobrou as autoridades públicas.

Percebe-se forte presença de adjetivos nos discursos construídos, quando a linguagem jornalística pediria uma construção mais substantivada, evitando-se

juízo de valor e reportando-se à narrativa de um fato. Houve hierarquização das informações oferecidas pela mídia à sociedade.

É possível observar que os discursos analisados humanizaram a figura de Alves e desumanizaram a de Oliveira a ponto de justificar sua quase execução, como um indivíduo desprovido de direitos, cujo processo de inclusão social jamais se completou. Exemplo disto é a retrospectiva 2011 da revista *Veja* (ed. n. 2249, ano 44, n. 52, p. 102-103, 28/12/2011). Em *O retrato da loucura* se afirma: “Assim fez o atirador de Realengo, que se suicidou depois do massacre e de cujo nome ninguém mais se lembra”. E, realmente, não há nenhuma referência ao nome dele.

Por outro lado, a vida pessoal de Oliveira parece interessar à sociedade somente quando morto. A tragédia é descolada da responsabilidade da sociedade e da família, da omissão das autoridades governamentais que resultam na exclusão social, da escola ao falhar na missão de educar e dar apoio psicopedagógico. Conclui-se que o fato é descontextualizado de todo um histórico de falência das relações sociais em uma sociedade na qual o indivíduo busca se reafirmar cotidianamente.

### **Observações finais**

A cobertura jornalística jamais será imparcial. Haverá seleção de fontes e filtros ideológicos que levarão à subjetividade na arquitetura da construção da notícia, respondendo à verticalização estrutural nem sempre visível ao receptor que desconhece as rotinas jornalísticas. Especialmente a fotografia e as coberturas, ao vivo ou gravadas, sugerem que a realidade foi documentada e o fato é verdadeiro, quando muitas vezes se oferece apenas um enquadramento, em função da edição, e sem a devida contextualização.

Nesse sentido, ao se conceder ao jornalista autoridade para enunciar, com a contribuição de especialistas a quem se concede a possibilidade de opinar, reforçam-se pontos de vista geralmente em consonância com a linha editorial do veículo em um discurso que se apresenta como legítimo, representando o julgamento da sociedade.

Portanto, parece-nos importante frisar que os critérios aqui enfocados são relacionais. Entende-se que a sociedade almeja mais segurança, o que fará com que seja receptiva a notícias que tratem do tema, mas sem o estabelecimento de nexos e aprofundamento, pois levaria à contestação do sistema vigente. Assim, esse debate se esgotaria aí, no emocional, diante de um fato violento. No dia seguinte, a manchete e as pautas já seriam outras.

O resultado será a pobreza do debate político e a criação de mitos convenientes. A fim de manter a audiência em alta, o mito parece ser estratégia e ao mesmo tempo fenômeno, orgânico, em uma mídia que se retroalimenta por novidades constantes. Essa compreensão mítica se choca com a origem do jornalismo e sua razão esclarecedora da realidade e vigilância do poder constituído. Nesse sentido, irá se aproximar, então, da linguagem ficcional.

A hipótese de criação de mitos se sustenta porque uma espécie de herói moderno faz sua trajetória sob a luz da mídia e tem seu momento de glória instantânea. Alves representa o heroísmo ao estar cumprindo o dever. Isto não exige, obrigatoriamente, o reconhecimento pelo conhecimento que o mito detenha, mas o que o legitima é sua visibilidade. O anti-herói Oliveira ultrapassa as fronteiras do padrão da normalidade, cuja violência é tipificada isoladamente, como a de um indivíduo, e não da sociedade.

Pode-se concluir que a sociedade ainda se utiliza do mito na construção de suas narrativas. Foi criado um cenário de conflito, polarizado por um herói e um anti-herói, que traçou uma jornada atendendo a mentores (o grupo ao qual Oliveira dizia pertencer).

A pesquisa aponta para a construção mitológica na comunicação diante da seletividade de fontes, de acordo com o recorte dos padrões de Abramo, dificultando a confrontação de fatos e versões possíveis em função da fragmentação, ocultação, inversão e indução, fatores agravados pela produção e disseminação em tempo real e pelo excesso de informação. Outro fator é o deslocamento do discurso opinativo por parte de jornalistas e especialistas, a quem se concede notoriedade, que não se reduz à classificação apontada por Melo. O material jornalístico que deveria ser informativo é editorializado.

Assim, a complexidade do tema aponta para o necessário aprofundamento e continuidade das pesquisas sobre a construção do mito no discurso jornalístico.

*Solange de Almeida Borges*

Professora das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e da  
Universidade São Judas Tadeu (USJT)

*João Vicente Cegato Bertomeu*

Professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Recebido em setembro de 2014.

Aceito em dezembro de 2014.

### **Notas**

1. A 1ª edição do *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo*, de Eduardo Martins, é de 1990. Na Folha, seu *Manual geral de redação* é da década de 1980. No jornal O Globo, o *Manual de redação e estilo*, de Luiz Garcia, é da década de 1960, conforme se indica em sua introdução. Os manuais levam à uniformização do texto para que ele seja conciso, elegante e correto, segundo apontam.

2. Para os jornalistas reivindicarem legitimidade, há quatro procedimentos estratégicos, segundo Tuchman (1972): “fornecer evidências conflitantes (“ambos”

os lados do conflito), apresentar “fatos” de sustentação (qualquer coisa normalmente aceita como verdadeira), usar aspas para marcar as falas de terceiros ou para questionar a legitimidade de grupos ou eventos (por exemplo, a marcha da “paz”) e estruturar a informação de acordo com a pirâmide invertida” (apud Shoemaker, 2011: 83).

3. O termo monomito (*monomyth*) foi emprestada de *Finneganswake* de James Joyce (apud Campbell, 2008: 53) e aparecerá pela primeira vez, em 1949, no livro *O herói de mil faces* de Campbell. O monomito responde a três etapas: Partida (às vezes chamada Separação), Iniciação e Retorno. Para o autor, todos os mitos obedecem a essa mesma estrutura de alguma forma.

4. Contrera, Malena Segura. *O mito na mídia: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação* (1996). Martinez, Monica. *Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo* (2008). Neto, Gabriel Lage. *Mito e comunicação: a importância da mitologia e sua presença na mídia* (2010). Távola, Artur da. *Comunicação é mito* (1985). Bussato, Cláudia Maria. *Mito e logos: sobre a origem antropológica da comunicação*. In: *Communicare*, v. 5, n. 1, 2005, p. 55-59. Künsch, Dimas e Malheiros, Celso. *Comunicação, mito e televisão: o herói entregou o coração a Jesus*. In: *Communicare*, v. 9, n. 2. 2009, p. 65-80. Foram localizados no portal da Capes e da USP alguns trabalhos em função das palavras-chave mito e comunicação: Gonçalves, Sandra Maria Lucia Pereira. *Rever Senna: da morte de um ídolo à construção do herói contemporâneo*. In: *Comunicação, Mídia e Consumo*, 2012, v. 9 (24), p. 265. Ramos, Roberto José. *Roland Barthes: a semiologia da dialética*. In: *Conexão: Comunicação e Cultura*, 2008, v.7 (13), p.159. Dorneles, Vanderlei. *Configurações do mito da “nova ordem” na cultura norte-americana em textos midiáticos de diferentes épocas*. Tese de doutorado, ECA USP, 2009. Acesso em: 7 ago 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br> e <http://www.teses.usp.br>.

5. O *Mais Você*, apresentado por Ana Maria Braga, foi mantido apesar de o programa integrar o núcleo de entretenimento da emissora. Ele dedica parte de seu programa ao jornalismo, como sinaliza em seu próprio perfil na internet.

## Referências

- ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ARBEX Jr., José. In: ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. 3. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 7-13.
- BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Mito e transformação*. São Paulo: Ágora, 2008.
- \_\_\_\_\_. e MOYERS, Bill. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- \_\_\_\_\_. e MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ECO, Umberto. *Os seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MELO, J. M. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. revista e ampliada. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

O ESTADO DE S. PAULO. *Manual de redação e estilo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo. 3. ed., 1997.

PIMENTA, Maria Alzira. *Comunicação empresarial*. 5. ed. Campinas: Alínea, 2006.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri/Pasquim, 1978.

ROCHA, Everardo. *O que é mito*. Coleção Primeiros Passos, n. 151. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SHOEMAKER, Pamela J e VOS, Tim P. *Teoria do Gatekeeping: seleção e construção da notícia*. Porto Alegre: Penso, 2011.

*Artigos e/ou matérias de jornais, revistas, portais e emissoras de TV*

ALVES FILHO, Francisco e GOMES, Luciani. Eles não tiveram chance. *IstoÉ*. São Paulo: Editora Três. 13 abril 2011, n. 2161, 80-83.

CORRÊA, Hudson e MAIA JUNIOR, Humberto. A mente doentia do assassino. *Época*. Rio de Janeiro: Globo. 18 abril 2011, n. 675, p. 51-54.

FERNANDES, Nelito. Comprei uma arma ilegal. *Época*. Rio de Janeiro: Globo. 18 abril 2011, n. 675, p. 46-50.

GALDO, Rafael. A rotina de dor e luta após dois anos do massacre de Realengo: famílias das crianças mortas se unem para mudar segurança nas escolas. *O Globo*. Rio de Janeiro: Globo. 7 abril 2013, p. 21.

GUIMARÃES, Camila. O fator bullying. *Época*. Rio de Janeiro: Globo. 18 abril 2011, n. 675, p. 62-63.

LOBATO, Elisa e MARQUES, Hugo. Virem para parede, vou matar vocês. *IstoÉ*. São Paulo: Editora Três. 13 abril 2011, n. 2161, p. 76.

LOES, João e TARANTINO, Mônica et al. O medo cada vez mais cedo. *IstoÉ*. São Paulo: Editora Três. 13 abril 2011, n. 2161, p. 84-88.

MARQUES, Carlos José. Editorial: Crianças com medo. *IstoÉ*. São Paulo: Editora Três. 13 abril 2011, n. 2161, editorial, p. 20.

MENDONÇA, Martha e MATEUS, Leopoldo. A difícil missão de recomeçar. *Época*. Rio de Janeiro: Globo. 18 abril 2011, n. 675, p. 59-61.

PRADO, Adriana e AQUINO, Wilson. O que aconteceu naquelas salas de aula. *IstoÉ*. São Paulo: Editora Três. 13 abril 2011, n. 2161, editorial, e p. 68-75.

SEGATTO, Cristiane e PEREIRA, Rafael. *Época*. Rio de Janeiro: Globo. 18 abril 2011, n. 675, p. 64-65.

TEIXEIRA, Rafael e MARQUES, Hugo. Menino solitário, adulto perturbado. O que aconteceu naquelas sala de aula. *IstoÉ*. São Paulo: Editora Três. 13 abril 2011, n. 2161, 78-79.

*Mais Você*. Programas de 7 e 8/4/2011. Acesso em ago 2011. Disponível em:  
<http://www.youtube.com/watch?v=cM76NzrYKc8>

<http://www.youtube.com/watch?v=QE-29SCUFhk>

<http://www.youtube.com/watch?v=8Vv7By-cUy8>

[http://www.youtube.com/watch?v=crNnY\\_SJqB4](http://www.youtube.com/watch?v=crNnY_SJqB4)

*Jornal Nacional*. Dia 11/4/2011. Acesso em ago 2011. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=Ll2r1m78BXA&feature=related>.

*Fantástico*. Dia 10/4/11. Acesso em ago 2011. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=0o4fVWTXv7k>

*Portal G1* (10 links entre 7 e 14/4/11). Acesso em ago 2011. Disponível em:

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/04/secretario-de-saude-dorio-confirma-13-mortes-em-tiroteio-em-escola.html>

<http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/ele-sempre-foi-um-adolescente-muito-ausente-diz-irmao-do-atirador.html>

<http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/ele-atirava-nas-meninas-para-matar-diz-aluno-que-sobreviveu-ataque.html>

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/04/atirador-era-ex-aluno-de-escola-e-deixou-carta-diz-policia-dorj.html>.

<http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/manuscritos-de-atirador-mostram-fixacao-porterrorismo.html>.

<http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/policia-divulga-novo-video-de-atirador-gravado-ha-pelo-menos-9-meses.html>.

<http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/saiba-mais-sobre-citacoes-religiosas-na-carta-do-atirador.html>.

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/04/dilma-esta-chocada-e-consternada-com-tragedia-no-rio-diz-porta-voz.html>.

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/04/ministro-da-educacao-diz-que-casoe-tragedia-sem-precedentes-no-brasil.html>.

*Meia Hora*. Acesso em ago 2011. Disponíveis nos links abaixo:

[http://one.meiahora.com/noticias/pai-da-vitima-da-matanca-de-realengo-sonhou-com-atragedia\\_2656.html](http://one.meiahora.com/noticias/pai-da-vitima-da-matanca-de-realengo-sonhou-com-atragedia_2656.html)

[http://one.meiahora.com/noticias/monstro-ainda-tinha-23-balas-para-disparar\\_2627.html](http://one.meiahora.com/noticias/monstro-ainda-tinha-23-balas-para-disparar_2627.html)

[http://one.meiahora.com/noticias/dor-e-emocao-na-missa-de-setimo-dia-em-realengo\\_2672.html](http://one.meiahora.com/noticias/dor-e-emocao-na-missa-de-setimo-dia-em-realengo_2672.html)

## **Resumo**

O tema mito na comunicação parece essencial na desconstrução do discurso hegemônico da mídia. Este artigo divide-se em uma reflexão teórica das definições de jornalismo e seus processos de mitificação e o estudo de caso do massacre no Realengo (RJ), em 2011. Investiga-se a suposta objetividade e imparcialidade do jornalismo atravessando a arquitetura de construção da notícia, cedendo espaço à subjetividade e construção de mitos.

## **Palavras-chave**

Mito. Informação. Produção de sentido na mídia.

## **Abstract**

*Setting the myth the construction of speech journalistic*

The topic myth in the communication seems essential to deconstruct the hegemonic speech of the Brazilian media. To evaluate it this article is divided into two parts: the first deals with the theoretical issues and the second addresses a presentation of a case study of the coverage of the attack in municipal school, in Realengo (RJ), in 2011. The hypothesis defended is that the supposed neutrality and objectivity of journalism across the architecture for the news gives room for subjectivity and the construction of myths in the media.

## **Keywords**

Myth. Information. Production of sense in the media.